

---

**CULTURA JOVEM, MÍDIAS  
E ESCOLA: O QUE MUDA  
NO TRABALHO  
DOS PROFESSORES?**

---

José Carlos Libâneo\*

*Resumo: o texto propõe um olhar pedagógico sobre certas características que estão se acentuando na juventude brasileira em sua relação com a aprendizagem escolar. Entre os vários enfoques possíveis do tema, destaca a relação dos jovens com as mídias e seu impacto na interação entre professores e alunos e nos modos de aprender. A compreensão desse fenômeno e a busca de ações pedagógico-didáticas podem favorecer uma percepção mais aguda das tarefas da escola e dos professores numa realidade marcada pela tecnicidade midiática, mas, também, por outras práticas culturais e novas formas de relações comunicativas.*

*Palavras-chave: juventude e escola, mídias e aprendizagem escolar, pedagogia e meios de comunicação*

A visibilidade da escola em seu percurso histórico, como lugar de legitimação do saber, vem sendo modificada em decorrência de uma diversidade de saberes que circulam fora e independentemente dela. Os jovens continuam indo à escola, mas carregam consigo saberes, linguagens, comportamentos que, de alguma forma, afetam as relações escolares convencionais. Estudiosos do tema têm identificado essas características da juventude com o termo cultura jovem, ou, como alguns preferem, culturas jovens. Trata-se de temática que tem merecido a atenção de pedagogos, especialmente no que se refere à relação entre os jovens e as mídias e entre estas e a aprendizagem escolar. Novas identidades juvenis, novas formas de ser jovem, aparecem com toda força nas salas de aula, permeando as relações entre o professor e os alunos e sugerindo outras formas de lidar com o ensino e a aprendizagem. É frequente professores atribuírem dificuldades no seu trabalho a fatores como desatenção, desinteresse, irresponsabilidade e indisciplina dos alunos. Al-

guns deles estão convencidos de que as causas desses problemas estão localizadas na influência das mídias, especialmente da televisão. Com isso, formam uma imagem negativa da televisão, que estaria provocando no aluno a falta de requisitos necessários à aprendizagem e ao estudo, além de prejudicar a formação moral, ao expor os jovens a cenas de violência, sexo explícito, ou induzir ao uso de drogas, ao consumismo. Por outro lado, é visível a familiaridade das crianças e dos jovens com as mídias, o que está a indicar um fenômeno social e cultural sem volta, integrado às práticas culturais do mundo contemporâneo.

Como lidar com essas questões? as mídias modificam a relação do jovem com o saber? afetam os modos de aprender? que conseqüências a influência da mídia televisiva na juventude traz para as situações de aprendizagem na sala de aula e para as relações entre professores e alunos? Essas questões precisam ser discutidas pelos professores. O mundo contemporâneo vem se caracterizando por intensas transformações econômicas, políticas, sociais, geográficas, culturais. Na sociedade complexa em que vivemos, os educadores – pais, professores, agentes sociais - não podem ignorar o surgimento de culturas juvenis diversificadas e a presença marcante das mídias na vida das crianças e dos jovens e, por conseqüência, nas salas de aula.

Neste texto, serão tratadas as relações entre as mídias e o ensino, valendo-se da busca de alguns elementos que identificam a cultura jovem<sup>1</sup>, sabendo-se que há muitos fatores que influenciam as práticas de ensino e a aprendizagem dos alunos, por exemplo, a postura do professor, a inadequação dos métodos de ensino, a falta de boas estruturas de gestão nas escolas, as diferenças de origem social, as diferenças culturais, as mudanças no mercado de trabalho, a crise das profissões etc. Cumpre assinalar, também, que as considerações aqui reunidas partem de uma perspectiva pedagógica, na problemática das mudanças nas práticas sociais e culturais que afetam a juventude e as ações de ensinar e aprender nesse contexto, não ignorando que elas têm implicações antropológicas e sociológicas mais amplas, não contempladas suficientemente no texto.

Serão abordados os seguintes pontos: o que caracteriza a relação entre as mídias e a juventude, entre as mídias e a educação; como as mídias atuam, isto é, de que forma elas exercem influência educativa; quais são os traços da cultura jovem; quais são as tarefas das escolas e dos professores em relação a essas questões.

## CARACTERIZANDO A RELAÇÃO ENTRE AS MÍDIAS, A CULTURA JOVEM E O ENSINO

São apresentadas inicialmente posições de alguns autores sobre a relação entre as mídias e o comportamento da juventude<sup>2</sup>. O pesquisador da comunicação Jesus Martín Barbero<sup>3</sup> nos diz que há uma grande mudança cultural no comportamento dos jovens, e uma das características dessa mudança é a ruptura com os padrões de comportamento dos pais. Isso se deve, em boa parte, ao fato de que a juventude faz parte de uma nova geração, nascida e criada sob o signo da informação e da comunicação. Para esse autor, parte da explicação desse fenômeno está no surgimento da televisão. Com o advento da televisão, que transforma os modos de circulação da informação, os adultos não podem mais esconder o seu mundo das crianças. Com isso, elas podem assistir às guerras, aos enterros, às cenas eróticas, às discussões entre adultos, aos crimes, às cenas que mostram a hipocrisia, à mentira, à chantagem, à violência. Ou seja, a TV expõe as crianças e os jovens aos temas e aos comportamentos que os adultos se esforçavam em ocultar-lhes. Escreve o autor:

*Enquanto o livro escondia suas formas de controle na complexidade dos temas e do vocabulário, o controle da televisão exige tornar explícita a censura. E como os tempos não estão para isso, a televisão, ou melhor, a relação que ela instituiu entre as crianças e adolescentes com o mundo adulto, vai configurar radicalmente as relações que dão forma ao lar (MARTÍN BARBERO, 2002, p. 3).*

Ao interferir na relação dos jovens com o mundo adulto, a televisão detona uma mudança radical das relações que se dão na família, levando a um debilitamento social dos controles familiares. É claro que não é a televisão sozinha que provoca essas mudanças, mas ela cataliza movimentos presentes na sociedade, como, por exemplo, as condições de vida e trabalho que intervêm na estrutura patriarcal, no trabalho feminino, na redução do número de filhos, as novas formas de relacionamento conjugal, a percepção do papel da mulher etc.

Ainda para Martín Barbero há quatro fatos que precisamos saber em relação ao comportamento da juventude. O primeiro é a percepção, ainda obscura e confusa, de uma reorganização profunda nos modelos de socialização: nem os pais são mais o padrão de conduta, nem a escola é um único lugar de transmissão de saberes, nem o livro é o único

articulador da cultura. O segundo é a constatação de uma sensibilidade desligada das formas de cultura mais convencionais e ligada à cultura tecnológica, “que vai da informação absorvida em sua relação com a televisão à facilidade de manejo da complexidade das redes informáticas” (MARTÍN BARBERO, 2002) . O terceiro é o aparecimento de um novo tipo de sensibilidade das crianças e dos jovens, que é sua ligação com imagens, sons, fragmentações, velocidades, ou seja, o jovem de hoje está exposto a novas formas de sentir, de ouvir, de ver, a novas formas de linguagem, baseadas na tecnologia, e que vão de encontro com o modo de perceber e de sentir dos adultos. Finalmente, o quarto, é que a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber; há uma multiplicidade de saberes que circulam em inúmeros canais e lugares. Em frente ao professor, sentam-se alunos 'empapados' de outros saberes, outras linguagens que circulam na sociedade, que não são saberes organizados como as matérias de ensino, mas saberes-mosaico, porque são fragmentos, pedaços da realidade, ainda que expressem o que se passa na cabeça das crianças.

A relação estreita dos jovens com as mídias se manifesta, também, numa outra lógica de organização da cidade e de ocupação de espaços. Ao mesmo tempo em que se constata a expansão urbana, dá-se a densificação dos meios massivos e das redes eletrônicas, em que as redes audiovisuais provocam uma nova diagramação dos espaços e intercâmbios humanos. Pode-se dizer, segundo Martín Barbero (2002), que habitamos um novo espaço comunicacional, em que se criam novos modos de estar juntos, a ponto de os espaços de mediação e experiência tecnológica substituírem a experiência pessoal e social. "Os engenheiros do urbano já não estão interessados em corpos reunidos, os preferem interconectados [...] é de casa que as pessoas exercem agora cotidianamente sua conexão com a cidade" (MARTÍN BARBERO, 2002, p. 4). Há ainda outros temas abordados por Martín Barbero, já familiares à sociologia e à geografia, como o não-lugar, espaços onde as pessoas são liberadas de fazer valer sua identidade, não necessitam falar nem ser interpelados por ninguém, a música, as bandas, que compõem a configuração desses novos modos de ser da juventude.

Essas análises do pesquisador em comunicação devem mobilizar a atenção e a sensibilidade dos professores, já que explicitam a cultura dos alunos, a cultura que os jovens vão constituindo e na qual buscam modelos para construir suas identidades. Estamos diante de novas sensibilidades, novas linguagens, outros modos de percepção do espaço e do tempo, da

velocidade dos alunos e das imagens, do global e do local, que, indubitavelmente, modificam os modos de aprender dos alunos e, claro, os modos de ensinar. Martín Barbero (2002, p. 7) é afirma com toda ênfase:

*Somente assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura e que a escola pode hoje interessar a juventude e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças: desterritorialização/relocalização das identidades, hibridações da ciência e da arte, das literaturas escrituras e as audiovisuais [...] assumindo essas transformações a escola poderá interagir com as novas formas de participação cidadã que o novo entorno comunicacional abre hoje à educação.*

O autor italiano Sartori<sup>4</sup> escreveu sobre o impacto das mídias na sociedade, como a internet, os computadores, a televisão, os vídeos, os videogames. Ele diz que esses processos detonados pelos meios de comunicação têm um denominador comum: a capacidade de ver a distância, a forma de ver a realidade pelo visual, tele-ver (do advérbio grego *tele*, que significa ver de longe, ver à distância). Esse mundo visual, esse mundo do *video*, da percepção visual (*video*, do latim, vejo), está transformando o *homo sapiens* produzido pela cultura escrita em *homo videns*, no qual a palavra é destronada pela imagem.

Como sabemos, o *homo sapiens* se caracteriza pela capacidade simbólica, pela capacidade de imaginação, de reflexão, de utilizar conceitos para pensar. O *homo sapiens* é capaz de comunicar-se com os seres humanos por meio da linguagem, utilizando signos e significados. É também capaz de raciocinar sobre si próprio. No *homo videns*, predomina o ver sobre o falar, a imagem sobre a escrita. Para ele, as coisas representadas por meio de imagens contam mais do que as coisas ditas por palavras. Ou seja, a primazia da imagem põe em segundo plano a leitura, a escrita. A televisão, de certa forma, derruba a relação entre o ver e o entender, entre o visual e o inteligível, as crianças se alfabetizam visualmente e só depois pela palavra.

*A palavra é um 'símbolo' totalmente resolvido naquilo que significa, naquilo que faz entender. E a palavra leva alguém a compreender somente quando for entendida, quer dizer, quando conhecemos a língua a que pertence. Caso contrário, é letra morta, um sinal ou som qualquer. A imagem é pura e simples*

*representação visual. Assim, para entender uma imagem é suficiente vê-la, e para ver-la, basta a visão [...] Enquanto a palavra é parte integrante e constitutiva de um universo simbólico, a imagem não é nada disso* (SARTORI, 2001, p. 22).

Em razão disso, para Sartori (2001), temos pela frente um ser humano criado pela (tele)visão, provocando mudanças no modo de funcionar da natureza humana, o modo de funcionar da inteligência, isto é, o modo como aprendemos. O predomínio do visível sobre o inteligível, no limite, leva ao ver sem entender, ao domínio da visão fragmentada sobre a visão de conjunto, afetando significativamente o trabalho dos professores. Para entender uma imagem, basta vê-la, ou seja, hoje o conhecimento do mundo é feito quase apenas em função das imagens, e os alunos se cansam quando precisam ler, fazer exercícios, discutir, participar de uma aula. O jovem e a criança, como animais simbólicos, recebem o primeiro molde formativo por meio de um instrumento feito de imagens, totalmente centralizado no ver. Indo mais longe: a televisão criou e está criando um homem que não lê, mentalmente entorpecido, um viciado no vídeo, alheio aos estímulos da leitura e do saber providos pela cultura escrita. Ainda Sartori (2001, p. 33):

*Quase todo o nosso vocabulário cognitivo e teórico consiste em palavras abstratas, que não tem nenhuma correspondência exata com coisas visíveis, e cujo significado não pode ser referido nem traduzido em imagens. [...] Todo saber do 'homo sapiens' se desenvolve na dimensão de um 'mundus intelligibilis' (de conceitos e concepções mentais), que não é de modo algum o 'mundus sensibilis', o mundo percebido pelos nossos sentidos. [...] Na realidade, a televisão produz imagens e apaga os conceitos; mas desse modo atrofia a nossa capacidade de abstração e com ela toda nossa capacidade de compreender. [...] Portanto, o que nós vemos e percebemos concretamente não produz 'idéias', mas se insere nas idéias (ou conceitos) que o classificam e 'significam'. É justamente este o processo que vem sendo atrofiado quando o 'homem sapiens' é suplantado pelo 'homo videns'.*

Para Sartori (2001), o predomínio do mundo virtual tende a multiplicar homens "debilitados de mente e de espírito", isto é, os idiotas.

*O ser humano, quando perde a capacidade de abstração, torna-se incapaz de racionalidade e, portanto, um animal simbólico que*

*não está mais em condição de sustentar; e muito menos de alimentar, o mundo construído pelo homo sapiens* (SARTORI, 2001, p.135).

O autor pode estar exagerando quando insiste na ruptura entre a imagem e a palavra<sup>5</sup>, mas sua crítica dos meios de comunicação nos ajuda a compreender não só os processos de aprender dos jovens subordinados ao mundo do visível, mas também a sustentar a luta pela cultura escrita, que é a luta pela promoção do desenvolvimento cognitivo. No mínimo, aponta a necessidade de os educadores aprenderem a fazer ligação positiva entre o visual e o simbólico, o visual e a palavra, o visual e o inteligível, com base na cultura escrita<sup>6</sup>. Para isso, precisamos saber ajudar nossas crianças a aprender a pensar, propiciar um ensino que ajude o desenvolvimento mental dos alunos.

## COMO AS MÍDIAS INFLUENCIAM O COMPORTAMENTO DOS JOVENS

As novas tecnologias da comunicação e da informação estão provocando, portanto, uma reviravolta nos modos mais convencionais de educar e ensinar. Os meios de comunicação exercem um domínio sobre as representações, os discursos, o imaginário das pessoas, as emoções, os sentimentos, as decisões, como mostram as propagandas, as campanhas políticas, as novelas e os programas da TV. Eles elaboram e difundem valores, formas de viver, hábitos que afetam as identidades das pessoas, o sentido da vida, as relações humanas. Em relação à juventude, as mídias lançam estratégias de construção de um modo de ser jovem, de uma cultura juvenil, que vão desde a indução ao consumo, à cultura do corpo, à rebeldia a modelos de vida adultos até a formas de resistência à padronização midiática da cultura jovem, como o movimento hip hop da periferia dos grandes centros urbanos, que busca identidade própria, a despeito das tendências de massificação midiática (que, no entanto, não escapam do domínio da televisão, já que também se alimentam dela como veículo de informação).

Entre as características mais marcantes do modo de funcionamento das mídias, podemos destacar:

- a divisão entre realidade e imagem, entre o real e a representação técnica do real;
- a homogeneização cultural, que influencia os gostos das pessoas, a alimentação, a moda, os desejos de consumo, de lazer, e as formas de viver em sociedade;

- a indução ao consumo: a informação cria a democracia do mercado, isto é, cria o sujeito-cliente ao invés do sujeito-cidadão;
- a fragmentação da realidade, dos conhecimentos, das relações;
- o empobrecimento da capacidade de compreensão por causa da força da imagem.

Essas características do mundo televisivo podem trazer uma série de riscos para a formação, alguns deles bastante evidentes. Podem, por exemplo, provocar uma abstração e desumanização das relações sociais, em boa parte, porque tudo vira espetáculo. As mazelas humanas aparecem na telinha e não parecem ser de verdade. De fato, as imagens passam a impressão de coisa ilusória, elas podem ser, podem não ser. Podemos pensar, por exemplo, na espetacularização de vários eventos dramáticos, como aconteceu com o atentado às torres de Nova York em 2003, as guerras do Iraque e Oriente Médio e outros eventos da vida cotidiana. Outro risco é que as mídias podem aumentar o isolamento das pessoas. Elas estão interagindo com as imagens, mas, na verdade, estão sós consigo mesmas, acentuando o individualismo e a insensibilidade social para o mundo que as cerca.

Entretanto, as tecnologias da comunicação e informação trazem, também, benefícios para a formação dos alunos. A virtualidade, como sabemos, é o mundo da imagem, da representação técnica do real, que permite traduzir tudo em imagens. A imagem virtual pode tornar visível um pensamento abstrato, um projeto, um conceito, um modelo matemático ou físico, como as fórmulas matemáticas, demonstração de fenômenos. Ela produz imagens tanto do que não existe na realidade quanto do que ainda não existe, inclusive daquilo que não existirá jamais. Em síntese, a virtualidade nos põe informados.

Conforme dissemos, é preciso juntar a riqueza das mídias para a formação com o desenvolvimento da capacidade simbólica do ser humano, isto é, da sua capacidade de abstração. Não é que quem vê televisão não pensa ou não utiliza a capacidade de abstração. É que a televisão dispensa o exercício da palavra, do conceito e, com isso, pode atrofiar a nossa capacidade de abstração e compreensão. Por isso mesmo é que aumenta a importância da escola e do trabalho dos professores, como mediadores entre a mensagem veiculada e o receptor, ajudando-os a atribuir outros sentidos à informação.

## TRAÇOS DA CULTURA JOVEM

A identificação de alguns traços da cultura jovem possibilita aos



educadores conhecer e compreender melhor o comportamento das crianças e dos jovens e favorecer sua relação com os alunos na atividade de aprendizagem. Não importa muito se se trata de alunos de escolas públicas ou particulares, pois há características que fazem parte da juventude em qualquer lugar, fato que pode ser atribuído, em boa parte, à homogeneização cultural promovida pela mídia televisiva. Isto não significa, porém, acreditar que essa homogeneização seja total, pois esses traços têm suas peculiaridades e seus modos de expressão conforme classe social, inserção cultural, nível de escolarização, condições de acesso aos bens culturais. Em meio, portanto, a um conjunto de características que identificam um modo distinto de comportar-se da juventude atual, há que se distinguir diferenças sociais, étnicas, religiosas, de gênero, o que justificaria, também, o uso do termo “culturas juvenis”.

A cultura jovem pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, representações, hábitos, comportamentos, expectativas, significados, compartilhados pelos jovens, que caracterizam e orientam suas relações com outros grupos sociais. Ela sintetiza aqueles traços culturais comuns do modo de pensar e de viver dos jovens de hoje, dos centros urbanos, dos bairros nobres e das periferias urbanas, mesmo sabendo-se que esses traços se manifestam distintamente conforme o contexto social e cultural em que vivem<sup>7</sup>.

Um apanhado de pesquisas sobre a cultura jovem possibilita descrever determinados traços do comportamento da juventude atual:

- Uma forte relação com os meios de comunicação e informação, causando mudanças nas relações dos jovens com seu ambiente, com outras pessoas e consigo mesmos, de várias formas: na construção da identidade jovem, a midiaticização da juventude; na determinação dos sentidos que as pessoas dão às suas vidas; na homogeneização de comportamentos, nos hábitos de consumo, na subordinação a certa moda, em que muitas vezes predomina a imitação sem reflexão (por exemplo, o jovem põe um brinco, mas não reflete sobre o que pretende estar comunicando ao praticar esse gesto).
- O jovem é 'multitarefa': faz mais do que duas coisas ao mesmo tempo, presta atenção a várias fontes de informação ao mesmo tempo (rádio, TV, telefone, estudo); a atenção é retida por poucos instantes, "zapeiam" entre canais, entre pais e amigos, entre casa e escola, TV e rádio, telefone e internet.
- Cultura como mero entretenimento, a televisão apela ao sensitivo, ao jogo de imagens, voyeurismo, emoções fortes<sup>9</sup>.
- Comportamento de hedonismo, que se manifesta no prazer individual

e imediato, repercutindo no consumismo. Tudo se faz para obter o objeto do desejo imediatamente, decorrendo disso a ânsia do consumo, do prazer imediato. Ante a necessidades não satisfeitas, tornam-se constantes as manifestações de intolerância à frustração, quando os objetivos não são atendidos. O "ficar", o prazer imediato, desistoricização do tempo, um tempo sem história. O consumo aparece como fonte de valor humano, é a mercadoria que dá valor às pessoas e não o contrário<sup>10</sup>.

- Um modo peculiar de se inserir e se relacionar com a cidade, como a ocupação de ruas e espaços públicos, o nomadismo urbano na noite (no caso de jovens de classe média e alta), a frequência a bares e boates, a pixação etc., ainda que a forma dessa inserção em práticas espaciais varie conforme as condições socioeconômicas dos grupos de jovens.
- A ética da juventude parece ser predominantemente individualista, com pouco aprofundamento das relações humanas, dispensando-se o sentimento pelo outro, com tendência ao isolamento, à perda da dimensão do coletivo, ao descompromisso. A juventude forma seus grupos, anda em grupos, mas o contato com o outro é reduzido. Trata-se de um coletivo sem o comunitário, sem interesse pela solidariedade e pelas questões sociais, encarando a desigualdade social como algo natural<sup>10</sup>.
- Há uma relação mecânica com o corpo, frequentemente resultando na banalização do amor e do sexo. A relação com o sexo é, também, explicada pela busca do prazer imediato, do hedonismo.
- Nas relações familiares e escolares, há prevalência das relações horizontais sobre as relações verticais (hierárquicas), ou seja, na busca de identidade e de definição dos modos de agir, os companheiros valem mais que os pais e os professores.
- Fascínio por mensagens e imagens violentas, em que heróis e líderes podem estar servindo como modelos de comportamento. A violência e o terror aparecem nas mídias como uma das marcas do mundo contemporâneo, levando a comportamentos de naturalização e legitimação do uso de meios violentos para resolver conflitos<sup>11</sup>.

Vários autores têm acentuado a importância pedagógica de se explicitar os vínculos da escola com a cultura (Pérez Gómez, Forquin, Gimeno Sacristán, Brunner, Hedegaard). A escola é uma instância de mediação cultural entre os significados e as práticas da cultura da sociedade e o desenvolvimento individual e social dos alunos. Por isso, incide nela o intercruzamento de culturas, a cultura científica, a cultura escolar, a cultura da escola, a cultura social, a cultura dos alunos, a cultura das

mídias. Importa, assim, saber como a cultura jovem aparece no conjunto de outras manifestações culturais na escola. Trata-se, pois, de investigar como essa cultura se manifesta nos comportamentos dos jovens, isto é, nas suas práticas cotidianas, em que e como essas práticas e condutas influem ou afetam o aprendizado na escola e, finalmente, por quais meios a cultura jovem passa a ser elemento integrante do currículo e da metodologia do ensino das matérias escolares.

Em suma, a importância da apreensão dos traços da cultura jovem – ou culturas juvenis – para o educador está em que ensinar depende, entre outras coisas, de captar a relação do jovem com o saber. Para isso, importa saber sobre suas experiências, seus modos de vida cotidiana, as formas de relacionar-se com os outros, suas aspirações, seus dilemas. Ou seja, o educador tem à sua frente jovens que têm interesses específicos, que compartilham o influxo da televisão e de outras mídias, que vivem numa comunidade. Os traços comuns da juventude sugeridos acima mostram um pouco de como pensa e atua o jovem hoje. Eles ajudam a compreender determinados comportamentos da juventude, embora seja necessário considerar que alguns deles correspondem a características próprias desse período da vida e a traços que também fazem parte do mundo adulto. Além disso, cabe considerar também que essas peculiaridades do comportamento juvenil certamente decorrem, em boa parte, de influxos globais e comunicacionais, mas, também, de fatores locais, como a origem sociocultural, os espaços físicos e sociais que frequentam, conforme temos mencionado.

Mas é preciso, também, sabermos como ensinar, levando em conta essa realidade, pois a cultura jovem é um elemento da aprendizagem, ela deve ser integrante do currículo e da metodologia do ensino. Segundo o pedagogo francês George Snyders, para amar os jovens é preciso amar sua geração. Portanto, embora esses traços carreguem um tom de negatividade e possam até estar acentuando certos estereótipos, isso não pode levar à desconsideração de elementos de positividade da juventude, como referências para uma relação educativa em que se busquem valores e modos de agir que sejam contrapostos àquelas características. Essa relação educativa precisa considerar que:

- A juventude não compõe um grupo social homogêneo, nem psicológica nem sociologicamente; os jovens são diferentes "não somente no contexto etário, de gênero ou de classe social, mas diferentes no que se refere às suas práticas espaciais, estilos, anseios" (MARTINS, 2004, p. 34).
- Não é uma atitude afirmativamente educativa 'apartar' a juventude

com base em estereótipos, como juventude alienada, individualista, rebelde, dispersiva, violenta etc.

- A juventude tem um papel na criação de novas estruturas de poder, de relacionamento, de estruturas políticas.
- A juventude expressa diferenças em relação aos adultos e às crianças que os educadores não podem ignorar.
- A juventude não pode ser encarada como problema social, mas como esperança de futuro melhor.
- O papel dos educadores é orientar, formular objetivos, fornecer ideais viáveis de vida numa sociedade humanizada.
- Os educadores não podem forjar estereótipos recriminadores dos traços mais visíveis da juventude, não podem 'petrificar' as atitudes juvenis, pois as pessoas mudam, as gerações mudam.

## AS TAREFAS DAS ESCOLAS E DOS PROFESSORES

Como fica a educação escolar em relação a essas questões? A escola e os professores não podem fazer guerra contra os meios de comunicação, a tecnologia e a informação. Antes, devem cumprir seu papel de mediadores, visando à compreensão daquilo que nas mídias assume formas de desumanização e de domínio das consciências. Para encontrar seu lugar social, sugere Sousa (2003), a escola precisa encontrar seu papel de mediadora, negociadora, interlocutora crítica. Não se trata apenas do resgate da escola como espaço de negociação dos sentidos do saber (dos conteúdos), mas também "dos sentidos da vida, aqueles que fazem dela espaços de troca, do vivido, de referência para a vida" (SOUSA, 2003, p. 64). Nesse sentido, são sugeridas algumas tarefas da escola:

a) Repensar os objetivos da escola e as práticas de ensino em face de novas realidades.

Educar na escola significa prover os meios de compreender o mundo, compreender a realidade e transformá-la. Se temos clareza sobre isso, fica mais fácil pensarmos no papel das mídias, das imagens. Há quatro objetivos a serem buscados pelas escolas:

- desenvolver a razão crítica, isto é, a capacidade de pensar a realidade e intervir nela, por meio do domínio da cultura, da ciência, da arte;
- investir no fortalecimento da subjetividade dos alunos e na construção de sua identidade pessoal;
- atender à diversidade cultural, à diferença, propiciando uma educação para o outro;

- formar para a cidadania no sentido da formação para novas demandas culturais, profissionais, novas formas de solidariedade e de convivência humana.

- b) Integrar ao currículo elementos da cultura vivenciada pelos alunos, como os meios de comunicação, a vida na cidade e na comunidade, problemas cotidianos e profissionais.

Há uma opinião de que, numa sociedade caracterizada pela multiplicidade de meios de comunicação e informação, não haveria mais lugar para a escola convencional. Em outra perspectiva, nega-se a escola por não dar conta de ensinar em face da complexidade de problemas sociais, econômicos, culturais. Não devemos ter dúvidas sobre a importância das escolas e dos professores, mas é preciso pensar a escola nas suas interfaces com outros elementos da realidade. A escola é um espaço de síntese, ou seja, ela é o lugar de síntese entre a cultura experienciada e vivenciada pelos alunos nas mídias, na cidade, na rua, no cotidiano da cultura, e a cultura formal<sup>12</sup>. Ou seja, é um lugar onde os alunos aprendem a razão crítica para poderem atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, multimídias e formas de influência educativa urbana. À escola cabe prover as condições cognitivas e afetivas para que os alunos (re)ordenem e (re)estruturem essa cultura, propiciando-lhes os meios de buscá-la, analisá-la, para lhe darem significado pessoal e produzir conhecimento. O valor da aprendizagem escolar está, precisamente, em introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência através de mediações cognitivas e interacionais que implicam a relação docente.

- c) Acentuar o papel da escola de propiciar o conhecimento, isto é, escola como lugar de aprendizagem de conceitos e de desenvolvimento das capacidades e habilidades de pensamento.

O *homo videns* substituirá, efetivamente, o *homo sapiens*? A cultura da imagem poderá subsistir sem a cultura da escrita? As novas linguagens substituirão definitivamente a linguagem escrita e oral? É possível ligar o passado e o presente? É preciso apostar na idéia de que podemos, e devemos, ajudar nossos alunos em sua capacidade reflexiva, no rigor intelectual, na capacidade de análise crítica. De acordo com o especialista em comunicação, Mauro Wilton de Sousa, a mídia é forte porque as instituições educativas são fracas. Quanto mais a família e a escola funcionarem num sentido de ampliação da capacidade reflexiva, mais o poder das mídias pode ser controlado.

A qualidade das aprendizagens escolares, hoje, depende, portanto, da atenção aos processos internos de elaboração do conhecimento,

envolvendo a aprendizagem significativa, as formas de ajudar o aluno a desenvolver um pensamento autônomo, crítico, criativo, a ativação de processos mais complexos de pensamento e desenvolvimento cognitivo, em contextos socioculturais. As competências cognitivas tornam-se mediadoras do processo de aprender. Uma vez internalizadas pelo aluno, favorecem organizar seu raciocínio para lidar com a informação, fazer relações entre conteúdos, enfim, tornar a informação conhecimento significativo, levar a uma generalização cognitiva em outras situações e momentos de aprendizagem do indivíduo.

Daí a importância, hoje, do ensinar a pensar, do ensinar a aprender, e da necessidade de os professores também aprenderem a se tornar sujeitos pensantes, como condição para poderem orientar a atividade cognitiva do aluno, isto é, orientar os alunos naquilo que fazem, fazê-los perceber o processo mental que estão aplicando naquela tarefa, ensiná-los a enfrentar o fracasso como passos para o aprender a pensar e a aprender (LIBÂNEO, 2004).

d) Articular metodologicamente as três funções pedagógicas das tecnologias e dos meios de comunicação: comunicar conteúdos, desenvolver competências e habilidades profissionais, constituir-se em meios de comunicação docente.

As tecnologias não podem ser tomadas meramente como recursos didáticos. Elas devem ser consideradas instrumentos de aprendizagem, contribuindo para a democratização de saberes socialmente significativos e o desenvolvimento de capacidades intelectuais e afetivas. Em razão disso, as tecnologias da informação e da comunicação aparecem no contexto pedagógico-didático de três formas (REZENDE; FUSARI, 1966):

- a) Como veículos de conteúdos escolares ligados às várias disciplinas do currículo, elas são portadoras de informação, idéias, habilidades, emoções, valores. Nesse sentido, as mídias fazem parte dos elementos culturais que caracterizam o ensino. Nessa função de mediação, o professor atua no provimento das condições e dos modos de assegurar a relação cognitiva e interativa dos alunos com os vários tipos de conteúdos (conceitos, habilidades, valores) embutidos nas mídias.
- b) Como competências e atitudes profissionais. Aqui, as tecnologias da informação e comunicação cumprem o papel de propiciar preparação tecnológica comunicacional, a fim de desenvolver competências, habilidades e atitudes para viver num mundo que se 'informatiza' cada vez mais.
- c) Como meios tecnológicos de comunicação humana (visuais, cênicos, verbais, sonoros, audiovisuais) dirigidos para o ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, implicando, portanto, efeitos didáticos como:

desenvolvimento de pensamento autônomo, estratégias cognitivas, autonomia para organizar e dirigir seu próprio processo de aprendizagem, facilidade de análise e resolução de problemas etc.

d) Desenvolver competências e habilidades comunicativas e o domínio de procedimentos de trabalho interativo.

O aprimoramento das competências comunicativas dos professores tem sua razão de ser não apenas como contraponto à tendência dos jovens ao individualismo, ao isolamento e à falta de sensibilidade em relação ao outro, mas também como exigência metodológica do ensino. A aprendizagem é um processo socialmente mediado, os sentidos e significados são sociais, de modo que a interatividade entre professor e alunos e entre alunos põe-se como requisito metodológico do bom ensino. As aulas, portanto, devem ser concebidas como processo comunicacional, exigindo dos professores que aprendam a se comunicar, a se relacionar, a ouvir. Os alunos precisam ser incentivados a perguntar, a argumentar, a discutir com argumentos, a desenvolver a capacidade de verbalização.

e) Incorporar, na metodologia das aulas, outras linguagens (visuais, sonoras, audiovisuais), como mediações da construção do saber.

A sociedade quer que as escolas formem cidadãos, com visão de futuro, com capacidade de enfrentar novos desafios profissionais. Para isso, na condição de mediadoras na leitura crítica da informação, a escola e os professores precisam abrir-se para outras linguagens, outros saberes. O cidadão precisa hoje aprender a ler/entender um noticiário de TV com a mesma desenvoltura com que aprende a interpretar um texto literário ou científico, conforme escreve Martin. Enfim, precisamos saber como preparar um cidadão crítico, que saiba captar os conteúdos veiculados na televisão e tomar distância deles para avaliá-los criticamente.

Ainda segundo Sousa (2003), as escolas e os professores precisam superar a separação entre o mundo das mídias e o mundo das agências educativas convencionais (igreja, escola, família). Como mediadores do saber, os professores precisam associar às aulas os textos imagético, sonoro e escrito, de modo a dar mais força à instituição educativa. Citando Martín Barbero, diz que a cultura e a reflexão sobre as mídias hoje significam menos tomá-la como ideologia, dominação etc. e mais como tentativas de explicar as mediações que existem entre os espectadores e as mídias. Daí a importância de se considerar outros lugares de comunicação, outras mediações culturais e educacionais além das mídias. Nesse caso, ganha destaque o papel dos professores como compartilhadores, mediadores do saber em meio a outras práticas culturais.



Não é possível, portanto, reduzir as práticas educativas à utilização das mídias. Elas fazem circular a informação, mostrar conflitos, mobilizar vontades, mas não se constituem em espaços de argumentação; estes encontram-se nas práticas sociais, isto é, na política, na escola, nas salas de aula, na família, ou seja, em espaços concretos em que se desenvolvem relações comunicativas.

f) Aprender a ouvir os jovens sobre suas formas de viver e os sentidos que dão à vida, abrindo espaços nas escolas e salas de aula para expressarem seus desejos e sentimentos, sua percepção da influência dos meios de comunicação e refletirem sobre suas experiências cotidianas e existenciais e seu papel de consumidores.

Uma boa recomendação parece ser que nos interessemos mais em saber que tipo de vida têm e como vivem os jovens. A juventude não pode ser encarada como um problema social, mas como uma geração, como um grupo social portador de positivities. Pesquisas recentes mostram que a juventude não é absolutamente passiva diante das mídias. É verdade que os jovens participam da cultura televisiva, consomem seus produtos tanto materiais como culturais, imitam seus modelos sociais, mas, também, têm consciência crítica, produzem outros significados, atribuem outros sentidos às mensagens midiáticas. Ou seja, de um lado, a mídia constrói a realidade juvenil, mas, por outro, os jovens são capazes de ressignificar os conteúdos que lhe são passados<sup>13</sup>. Eles dão conta de aproveitar o conteúdo da TV e falar de coisas que realmente os tocam mais: sua vida, sua existência, seus sentimentos, suas dificuldades de convivência familiar, os problemas sociais. Uma dessas pesquisas relata alguns depoimentos interessantes (COGO, 2003, p.193-7):

*Na TV tem muita propaganda, muita coisa que não é utilizada. Deveriam falar mais sobre criminalidade, aborto, coisas que abrissem mais os olhos. Quando tem é muito pouco, vago, escondido entre outras imagens. A propaganda da camisinha, por exemplo, transmite a idéia de que se pode transar com muitas pessoas, e isso é errado (moça de 15 anos).*

*Não confio muito no que passa na TV. Na época do Collor, primeiro apoiaram, depois esculhambaram. Tentaram mostrar que estavam do lado do povo, quando, na verdade, só visava interesses. (É preciso) saber o que está passando de verdade, sem ter um pouco de Globo (moça de 13 anos).*

Ou seja, entre jovens, há outras mediações que entram em jogo,



como a família, a escola, a igreja, os movimentos sociais de juventude. Há pesquisas mostrando que os jovens dão mais legitimidade à informação de pais e professores do que aos meios de comunicação, desde que sejam criadas situações para reflexão sobre os problemas cotidianos, possibilitando ler criticamente a mensagem das mídias. Desse modo, os meios de comunicação não são os únicos lugares de socialização e aprendizagem, devendo ser consideradas outras mediações formativas<sup>15</sup>. Daí a importância de ouvirmos as crianças e os jovens para que eles próprios possam nos revelar as facetas positivas e negativas dos meios de comunicação e o real sentido que dão a elas. Escreve Sousa (2003, p. 51, 53):

*Mediar sensibilidades é exatamente esse tipo de postura: [...] ouvir. Ao invés de se dizer o que tem para ser dito, também ouvir o que os outros têm para me dizer e reelaborar o que vou dizer em função disso. É preciso ouvir e ter sensibilidade para a prática dos alunos. [...] É isso que chamo de educação para as sensibilidades, é criar pontes de trocas de sentido, e não necessariamente pontes unilaterais de informação.*

g) Criar e manter nas escolas ambientes, atividades, eventos, formas de participação que propiciem vivência de valores de cidadania e solidariedade, que contribuam para a formação de uma personalidade moral.

Entre os traços da cultura jovem, aponta-se o individualismo, que resulta no descompromisso social, na falta de interesse pelas questões sociais, como a fome, a violência, a miséria, a corrupção. A vida cotidiana do jovem, além da escola, está ligada ao computador, ao shopping, ao condomínio fechado, com pouca relação com as desigualdades e diferenças sociais, ou seja, a segregação de classes sociais leva os jovens a pouco se importem com o resto da sociedade. De certa forma, o comportamento alienado da juventude pode ser explicado pela própria conduta das famílias e pelos valores individualistas difundidos na sociedade. As escolas falham duplamente no descompromisso com a formação moral: não conseguem complementar a educação familiar e, ao mesmo tempo, reforçam o individualismo, ao conceber a educação escolar como treinamento para o vestibular. Entretanto, as escolas podem se organizar para o desenvolvimento da cidadania e do comportamento ético, contrapondo-se a valores difundidos pela sociedade atual, como o individualismo, a competição, o consumismo. Conforme Sousa (2003, p. 47), a escola, no seu papel de mediar sensibilidades, consciência crítica e transformações na vida social, "tem o desafio de conseguir se tornar espaço de referência do estar-junto, espaço de troca de sentidos, não de depredação, de drogas ou coisas parecidas".

## CONCLUSÃO

Martín Barbero (2002) sugere substituir o lamento moralista por um projeto ético, afirmativo. A escola continua sendo uma instância de formação para a cidadania, com uma visão de futuro, o que implica ensinar a ler 'cidadamente' o mundo, com visão crítica em relação à inércia em que as pessoas vivem, desajustando o acomodamento na riqueza ou a resignação na pobreza, mas, também, abrir-se para a multiplicidade de escrituras, de linguagens e saberes.

*Para o cidadão, isso significa aprender ler/decifrar um noticiário de televisão com tanta desenvoltura como aprende a fazer com um texto literário. Para isso, necessitamos de uma escola em que aprender a ler signifique aprender a distinguir, a discriminar, a valorar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos da política e da família, da cultura e da sexualidade (MARTÍN BARBERO, 2002, p. 7).*

Sousa (2003), tratando da relação entre publicidade e consumo, escreve que o consumidor não recebe a mensagem como tal, não é um receptor individual, no sentido de usuário passivo do que lhe é proposto, ele a ressignifica antes. E acrescenta:

*O que, de fato, se dá é um jogo, quase que como um processo de negociação do que é proposto pela mídia e o que é assumido pelo receptor, onde a importância fundamental do que se entende por processos de mediações que interpelam o que é proposto e o que é consumido. Daí que Canclini entende que hoje o lugar social dos meios de comunicação não está vinculado só a valores, sonhos e desejos, traduzidos e derivados de práticas cotidianas. A relação televisiva e publicitária está permeada por uma negociação determinada pelas práticas culturais e pelo imaginário social. [...] Há, pois, um jogo em negociação, que vale a pena rever, entre publicidade televisão e sociedade, resgatando o lugar até há pouco esquecido, e lugar significativo, o das práticas culturais. [...] O receptor cada vez menos responde a partir do complexo de comportamentos apenas individuais, mas do complexo vinculado e mediado por grupos onde, de fato, estão as mediações que interferem na construção de sentidos, portanto, de mudanças (SOUSA, 2003, p. 3).*

É fora de dúvida que a escola está incluída entre essas mediações. Pelo cumprimento de sua tarefa primordial, o ensino que amplia o desenvolvimento mental, ela possibilita a reflexividade crítica e o pensamento autônomo em relação aos meios massivos, os quais tendem a homogeneizar mesmo quando criam possibilidades de diferenciação. Assim, os jovens podem pensar com sua cabeça, ter um distanciamento crítico em relação à publicidade, às mensagens dos clips, à moda, às tentações do consumo.

Para a escola, isso significa que ela não pode mais ser um lugar fechado, ela precisa ligar-se com o mundo, com a cultura paralela, com a comunidade, com a cultura social, com o mundo da comunicação e da informação. Nesse caso, as mídias não podem ser consideradas mais apenas como recursos audiovisuais, instrumento pedagógico. As mídias passam idéias, modos de pensar, modos de agir. Portanto, as mídias são fonte de saberes; as mídias são parte dos conteúdos escolares, objeto de investigação da didática e das metodologias de ensino.

O papel da escola é propiciar aos alunos aprendizagens sólidas, duradouras. E hoje isso não será possível de acontecer se não prestarmos uma atenção direta e intencional aos motivos, aos desejos dos nossos alunos. É na sala de aula, espaço de mediação cultural, que se pode fazer, professores e alunos juntos, a leitura crítica das informações e familiarizá-las na relação com as mídias e multimídias. A escola é o mundo do conhecimento, e é o conhecimento que possibilita a leitura crítica da informação. É seu papel formar cidadãos, ensinar a ler o mundo, a criar nos jovens uma mentalidade crítica e questionadora, a ler criticamente a publicidade, a resistir à sedução do consumismo e da moda, de modo que se transformem em sujeitos com maior capacidade de interpretação e análise, mais autônomos e capazes de tomar posições diante dos dilemas da sociedade atual.

## Notas

<sup>1</sup> Utilizamos a expressão cultura jovem, no singular, sabendo ser mais apropriado falar em culturas juvenis ou cultura dos jovens. Guimarães (2006), por exemplo, escreve: “[...] Não há uma única juventude, mas juventudes no plural, dado o amplo leque de diversidade diante das condições materiais e simbólicas vividas, de agrupamentos e organização, classes sociais, diferenças étnicas e religiosas, gênero e peculiaridades regionais”. Entretanto, o texto enfoca particularmente a relação da juventude com as mídias, que representa, sem dúvida, uma característica gerada no contexto da globalização econômica e cultural que, a par de incitar o surgimento de identidades locais e de múltiplos sujeitos, também provoca uma homogeneização cultural que acaba por suscitar traços que são comuns aos jovens, independentemente de suas peculiaridades sociais, culturais, étnicas, religiosas.

<sup>2</sup> Em relação ao termo ‘juventude’, também cumpre alertar ao leitor que ele não deve

ser entendido abstratamente. Do ponto de vista pedagógico, juventude designa o período da vida dos indivíduos entre a infância e a vida adulta, portanto, seres humanos portadores de características sociais, culturais e psicológicas próprias, vivendo num determinado tempo e lugar. Considere-se, assim, que o termo juventude não pode ser identificado apenas com características psicológicas internas e nunca pode ser expressão de uma realidade homogênea, pois a população jovem se distingue conforme origem social, meio cultural, etnia, níveis de escolarização, relações de gênero, condições de acesso aos bens culturais etc.

- <sup>3</sup> Martín Barbero nasceu na Espanha, mas está radicado na Colômbia há muitos anos. É doutor em Filosofia pela Universidade de Lovaina (Bélgica) e, também, pós-graduado em Antropologia e Semiótica. Dedicou-se à investigação de temas relacionados com a comunicação social, realizando trabalhos em vários países, como Espanha e México. Seus principais livros: *De los medios a las mediaciones*, *Comunicación masiva*, *Discurso y poder*, *Televisión y melodrama*, *Mapas nocturnos y Pre-textos: conversaciones sobre la comunicación y sus contextos*.
- <sup>4</sup> Giovanni Sartori nasceu em 1924 em Florença, na Itália. É formado em Ciências Sociais e Políticas e desenvolve suas investigações e a docência na Universidade de Florença, em temas da Filosofia Moderna, da Teoria do Estado da Sociologia e Ciência Política. A partir de 1976, lecionou em várias universidades norte-americanas (Stanford, Columbia, New York, Harvard, Yale), mantendo sempre seus vínculos com a Universidade de Florença.
- <sup>5</sup> Aos que afirmam não haver oposição entre palavra e imagem, ou seja, que pode existir uma integração entre compreender por meio de conceitos e compreender mediante a visão, Sartori contesta que, de fato, o número de leitores está caindo, o ver está atrofiando o compreender. Segundo ele, a imagem por si mesmo não oferece nenhuma inteligibilidade, ela deve ser explicada, e a explicação que é dada no vídeo é constitutivamente insuficiente. Entretanto, se a televisão explicasse muito melhor do que o faz [...]. Ele também admite que o mundo multimidiático, isto é, a internet e o mundo digital (a cibernavegação) permitem mais interatividade e, assim, poderiam favorecer a integração entre ver e compreender, mas sem grandes ilusões. Mesmo assim, diz ele, “os verdadeiros estudiosos vão continuar a ler livros [...]” (SARTORI, 2001, p. 36, 38, 41).
- <sup>6</sup> Mirza Toschi tem a opinião de que a presença da imagem no mundo social e cultural provoca uma nova compreensão da leitura e da escrita, mas não as substitui. Por exemplo, a base da comunicação que se dá pelos computadores é a escrita, embora seja um outro tipo de escrita. Segundo ela, a letra é, também, imagem, a criança lê no monitor, havendo, assim, uma mudança na gramática da língua. Ou seja, a criança lê também na tela, não apenas no papel.
- <sup>7</sup> Uma observação atenta, por exemplo, do comportamento de jovens em *shoppings* de bairros nobres e bairros periféricos, tanto da cidade de São Paulo como da cidade de Goiânia, mostrará jovens em grupo, com seus modos próprios de andar, de se vestir, de pentear o cabelo, de usar adereços etc., que são traços comuns, embora possam não ter nada de homogêneo em relação à sua origem sociocultural.
- <sup>8</sup> “[...] o que está em jogo é uma nova sensibilidade feita de uma dupla cumplicidade cognitiva e expressiva: é em seus relatos e imagens, em suas sonoridades, fragmentações e velocidades que eles encontram seu idioma e seu ritmo” (MARTÍN BARBERO, 2002, p. 3).
- <sup>9</sup> “No formato da indústria cultural vigente, o principal alvo são os jovens – destinatários de todo um fluxo de mensagens que realimenta um imaginário cujo parâmetro é o seguinte: tudo se pode imaginar e conhecer, tudo se pode provar, experimentar, tudo é passível de mudança. O mundo está aí para você conhecer e viver. Viva mais intensamente o presente, porque a vida é um segundo” (GUIMARÃES, 2006, p. 2).

- <sup>10</sup> Alberoni (*apud* SARTORI, 2001, p. 25) descreve com muita propriedade alguns desses traços: “Os jovens caminham no mundo adulto da escola, do estado [...], da profissão, como clandestinos. Na escola ouvem preguiçosamente lições [...] que rapidamente esquecem. Não lêem os jornais [...]. Ficam trancados no próprio quarto junto com os pôsteres dos seus heróis, olham os próprios programas, andam pela rua mergulhados na sua música preferida. Despertam novamente só quando, à noite, encontram-se na discoteca. Finalmente, quando saboreiam a ebbriedade de estarem juntos, experimentam a satisfação de existir como um único corpo coletivo dançante”.
- <sup>11</sup> Sobre a reação às cenas de violência e terror, Mirza Toschi sugere que as crianças e os jovens não sentem medo, antes querem saber os efeitos, como a cena foi produzida, embora reajam com medo das histórias de “espíritos”.
- <sup>12</sup> Cavalcanti, por exemplo, tem destacado em vários textos a necessidade de incluir o tema cidade, no ensino de Geografia: “O ensino voltado para a formação de conceitos aborda o tema da cidade buscando o encontro/confronto da experiência imediata e cotidiana do aluno com sua cidade e o conceito abrangente, isto é, científico, da cidade, envolvendo um sistema conceitual. [...] A cidade, enquanto conteúdo escolar, não é concebida apenas como forma física, mas como materialização de modos de vida, como um espaço simbólico, e seu estudo volta-se para desenvolver no aluno a compreensão do modo de vida da sociedade contemporânea e de seu cotidiano em particular. [...] Os conteúdos geográficos precisam ser ‘apresentados’ para serem trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local” (CAVALCANTI, 2005, p. 203).
- <sup>13</sup> Seria muito frutífero para uma pedagogia atenta às culturas juvenis que os professores considerassem o papel mediador da cultura escolar na compreensão das práticas culturais da juventude. Segundo Martins (2004), a juventude é influenciada pela cultura de massa imposta pelo mercado, mas é, também, produtora de cultura, quando expressa resistência à homogeneização cultural globalizante, criando ou alimentando formas de manifestação cultural locais associados a interesses da comunidade e da própria juventude (MARTINS, 2004).
- <sup>14</sup> “Há processos existenciais em curso na cultura dos jovens que, se compreendidos, podem contribuir para revelar as múltiplas facetas que configuram o modo de viver, sentir e agir dos diferentes segmentos juvenis. [...] Para além dos espaços institucionais como a família, a escola, o trabalho, os jovens têm construído redes de sociabilidade que devem ser reforçadas não como mera adequação, mas como mecanismos de manifestações das culturas juvenis” (GUIMARÃES, 2006, p. 2). Ainda sobre o “modo de ser jovem”, com base em relatos de jovens, ver Guimarães (1997).

## Referências

- BELLONI, M. L. (Org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CAVALCANTI, L. de S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. *Cadernos do CEDES*, São Paulo, n. 66, maio/ago. 2005.
- COGO, D. M. Mídia e culturas juvenis: das estratégias de midiaticização da juventude às táticas de recepção dos jovens no campo midiático. In: PORTO, T. M. E. (Org.). *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM, 2003.
- FLEURI, R. M. (Org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GUIMARÃES, M. T. C. Juventudes: que sujeito é este? *Jornal de Monte*, Monte Aprazível, 12 ago. 2006.
- GUIMARÃES, M. T. Canezin et al. Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola. *Revista Educativa*, Goiânia, v.1., n. 1, 1997.

LIBÂNEO, J. C. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 27, 2004.

MARTIN B. J. Jóvenes: comunicación y identidad. Pensar Iberoamérica. *Revista de Cultura*, n. 0, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.campusoei.Org/Pensariberoamerica/RIC00A03.htm>>. Acesso em: [2006].

MARTINS, W. de M. *Trilhas juvenis: uma análise das práticas espaciais de jovens em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

PORTO, T. M E. (Org.). *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM, 2003.

REZENDE; FUSARI, M. F. TV, recepção e comunicação na formação inicial de professores em cursos de pedagogia. *Anais ...*, Florianópolis, 1996.

SARTORI, G. *Homo videns: televisão e pensamento pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

SOUSA, M. W. *Novas linguagens*. São Paulo: Salesiana, 2003.

SOUSA, M. W. A escola e os meios de comunicação. Anotações de palestra, 2000.

SOUSA, M. W. *Publicidade e consumo cultural*. Disponível em: <[www.montessorinet.com.br/art\\_mau.htm](http://www.montessorinet.com.br/art_mau.htm) 14.9.2003>. Acesso em: [2006].

*Abstract: the text argues a pedagogic regard on certain characteristics that are increasing in the Brazilian youth in his relationship with the school learning. Among the several possible focuses of the theme, it detaches the youths' relationship with the mídias and his impact in the interaction between teachers and students and in the ways of learning. The understanding of that phenomenon and the search of actions pedagogic-didactic can to aid a sharper perception of the tasks of the school and of the teachers in a reality marked by the midiatic tecnicity but, also, for other cultural practices and new forms of communicative relationships.*

**Key words:** *youth and school, mídias and school learning, pedagogy and communication means*

---

O autor agradece as contribuições oferecidas pelas professoras Dra. Mirza Seabra Toschi e Dra. Maria Teresa Canesin Guimarães, algumas delas inseridas no texto.

\* Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás. Autor de livros e artigos em Teoria da Educação, Didática e Organização da Escola.